

**SOLANGE SANTOS COLLE**

**O TRABALHO COM ALUNOS PORTADORES DE DISLEXIA EM  
SALA DE AULA**

**PONTAL DO PARANÁ  
2005**

**SOLANGE SANTOS COLLE**

**O TRABALHO COM ALUNOS PORTADORES DE DISLEXIA EM  
SALA DE AULA**

Monografia apresentada como requisito para a  
Obtenção de Título de Especialista no Curso de  
Pós- Graduação em Educação especial / Inclusão,  
oferecido pela Universidade Federal do Paraná -  
UFPR em convênio com a Secretaria Municipal  
de Educação de Pontal do Paraná - CEAD.

Orientadora: **Cláudia Cibele Bitdinger  
Cobalchini**

**PONTAL DO PARANÁ  
2005**

**CEED - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO PARANÁ**

A comissão Examinadora , abaixo assinada, aprova a dissertação

**O TRABALHO COM ALUNOS PORTADORES DE DISLEXIA EM  
SALA DE AULA**

Elaborada por

**Solange Santos Colle**

Como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Especialista em Educação Especial**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

---

---

---

Pontal do Paraná, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2005

“Se os teus projetos forem por um ano,  
semeia o grão. Se forem para dez anos,  
planta uma árvore. Se forem para cem  
anos, educa um povo.”

Provérbio Chinês.

## DEDICATÓRIA

A meus pais, que com o seu exemplo maravilhoso de vida me impulsionaram em mais esta jornada.

## **AGRADECIMENTO**

À meus filhos, por minha ausência constante na realização deste curso e na elaboração desta monografia.

## **RESUMO**

Dissertação de Monografia  
Curso de Pós-Graduação em Educação  
Especial do CEED - Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná -  
Pontal do Paraná, PR, Brasil.

### **O TRABALHO COM ALUNOS PORTADORES DE DISLEXIA EM SALA DE AULA**

AUTORA: SOLANGE SANTOS COLLE  
ORIENTADOR: **Cláudia Cibele Bitdinger Cobalchini**

Data e Local de Defesa: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_.

O presente estudo trata-se de uma pesquisa realizada nas escolas da rede estadual de Guaratuba, explicitando as formas e maneiras de tornar o trabalho com crianças portadoras de dislexia proveitoso e de qualidade, ajudando-as a transpor as dificuldades que apresentam diante da leitura e escrita, objetivando o progresso cognitivo, pedagógico, emocional e de socialização dos respectivos alunos.

O trabalho discorre desde a pesquisa nas escolas e pesquisa bibliográfica até a concretização em sala das diferentes maneiras de se trabalhar com o aluno portador de dislexia.

O trabalho de campo constitui-se em entrevistas com professores, registros e anotações resultantes das observações contidas nos diários, para que após análise subsidie informações que repassadas possam auxiliar os professores da área de ensino regular a trabalhar com crianças portadoras de dislexia em sala de aula, auxiliando no tratamento e progresso para a formação de cidadãos conscientes de sua responsabilidade e direito como pessoa humana, preparando-os para o mercado de trabalho e para a vida futur

## SUMÁRIO

<b>01 . INTRODUÇÃO .....</b>	<b>01</b>
<b>1.2 JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>02</b>
<b>1.3 OBJETIVOS .....</b>	<b>02</b>
<b>1.3.1 Objetivo Geral .....</b>	<b>02</b>
<b>1.3.2 Objetivos Específicos .....</b>	<b>02</b>
<b>1.4 METODOLOGIA .....</b>	<b>02</b>
<b>1.4.1 Métodos a serem utilizados .....</b>	<b>03</b>
<b>02 – DESENVOLVIMENTO .....</b>	<b>04</b>
<b>2.1. DISLEXIA .....</b>	<b>04</b>
<b>2.2 TRATAMENTO PSICOPEDAGÓGICO DO JOVEM DISLÉXICO.....</b>	<b>06</b>
<b>2.3. SINAIS DA DISLEXIA .....</b>	<b>08</b>
<b>2.3.1 Entre 3 a 6 anos .....</b>	<b>08</b>
2.3.1.1 Na Pré-escola .....	08
<b>2.3.2 Entre 6 ou 7 anos .....</b>	<b>08</b>
2.3.2.2 Primeira série .....	08
<b>2.3.3 Entre 7 e 12 anos .....</b>	<b>09</b>
<b>2.3.4 A partir dos 12 anos .....</b>	<b>09</b>
<b>2.4. COMPETÊNCIAS DO PROFESSOR DO ENSINO REGULAR DIANTE DE UM ALUNO PORTADOR DE DISLEXIA .....</b>	<b>10</b>
<b>2.5. O PORTADOR DE DISLEXIA NO ENSINO REGULAR .....</b>	<b>11</b>
<b>2.6. A DISLEXIA E A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA .....</b>	<b>13</b>
<b>2.7. A DISLEXIA E O MÉTODO DE ENSINO .....</b>	<b>15</b>

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>18</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>21</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>22</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A dislexia é uma das mais comuns deficiências de aprendizado. Segundo pesquisas realizadas, 20% de todas as crianças sofrem de dislexia – o que causa com que elas tenham grande dificuldade ao aprender a ler, escrever e soletrar. Pessoas disléxicas – e que nunca se trataram – lêem com dificuldade, pois é difícil para elas assimilarem palavras. Disléxicos também geralmente soletram muito mal. Isto não quer dizer que crianças disléxicas são menos inteligentes; aliás, muitas delas apresentam um grau de inteligência normal ou até superior ao da maioria da população. A dislexia persiste apesar da boa escolaridade. É necessário que pais, professores e educadores estejam cientes de que um alto número de crianças sofre de dislexia. Caso contrário, eles confundirão dislexia com preguiça ou má disciplina. É normal que crianças disléxicas expressem sua frustração por meio de mal-comportamento dentro e fora da sala de aula. Portanto, pais e educadores devem saber identificar os sinais que indicam que uma criança é disléxica - e não preguiçosa, pouco inteligente ou mal-comportada.

A dislexia, não deve ser motivo de vergonha para crianças que sofrem dela ou para seus pais. Dislexia não significa falta de inteligência e não é um indicativo de futuras dificuldades acadêmicas e profissionais. A dislexia, principalmente quando tratada, não implica em falta de sucesso no futuro. Alguns exemplos de pessoas disléxicas que obtiveram grande sucesso profissional são Thomas Edison (inventor), Tom Cruise (ator), Walt Disney (fundador dos personagens e estúdios Disney) e Agatha Christie (autora). Alguns pesquisadores acreditam que pessoas disléxicas têm até uma maior probabilidade de serem bem sucedidas; acredita-se que a batalha inicial de disléxicos para aprender de maneira convencional estimula sua criatividade e desenvolve uma habilidade para lidar melhor com problemas e com o stress.

Este projeto delimita o objeto de estudo e às justificativas do tema, discute a fundamentação teórica abordada através de uma breve revisão da bibliografia relacionada, explicitando a abordagem a ser utilizada, especifica os objetivos e a metodologia da pesquisa, bem como as fontes de dados e informações que serão utilizadas, com uma crítica preliminar dos dados disponíveis, e por último, apresentam o plano de trabalho e o cronograma de execução do projeto

## **1.2 JUSTIFICATIVA**

As dificuldades que se apresentam com pessoas portadoras de dislexia em sala de aula, nos faz verificar a importância deste estudo.

Esta monografia insere-se no contexto prioritário de que a educação deve ser para todos com direitos e prerrogativas de cada indivíduo, educando-o , respeitando seus limites e sanando suas dificuldades.

Dentro deste contexto justifica-se esta monografia

## **1.3. OBJETIVOS**

### **1.3.1 Objetivo Geral**

- Pesquisar nas escolas as dificuldades encontradas na educação dos indivíduos portadores de dislexia, bem como identificar formas e maneiras de saná-las.

### **1.3.2 Objetivos Específicos**

- Analisar a ação do professor (conteúdos, metodologia, etc.) de séries do ensino fundamental das escolas estaduais do município de Guaratuba, diante do trabalho com alunos portadores de dislexia;
- Apresentar aos professores estaduais da cidade de Guaratuba, maneiras de se trabalhar com alunos portadores de dislexia, em sala de aula, juntamente com alunos que não apresentem estas dificuldades;

## **1.4 METODOLOGIA**

Entendendo os caminhos metodológicos como processo pelo qual se construiu essa dissertação, apresento as decisões que tomei para abordar e investigar o problema de pesquisa e atuação diante dos objetivos propostos. Essas decisões metodológicas expressam a opção pelo referencial teórico utilizado, bem como pelos instrumentos de coleta e análise das informações, buscando possibilitar a compreensão dos significados atribuídos pelos professores para os problemas do trabalho alunos portadores de dislexia e também do cotidiano das escolas, onde são construídas suas práticas pedagógicas.

#### **1.4.1 Métodos a serem utilizados:**

- Pesquisa de campo;
- Pesquisas bibliográficas;
- Entrevistas;
- Observações em sala;

## 02. DESENVOLVIMENTO

### 2.1 DISLEXIA

Epistemologicamente Dislexia é uma alteração nos neurotransmissores cerebrais que impede uma criança de ler e compreender com a mesma facilidade com que o fazem as crianças da mesma faixa etária, independente de qualquer causa intelectual, cultural ou emocional. Todo o desenvolvimento da criança é normal, até entrar na escola. É um problema de base cognitiva que afeta as habilidades lingüísticas associadas à leitura e à escrita. É a dificuldade ao aprender a ler, escrever e soletrar. Pessoas disléxicas – e que nunca se trataram – lêem com dificuldade, pois é difícil para elas assimilarem palavras. Disléxicos também geralmente soletram muito mal.

As causas da dislexia são neurobiológicas e genéticas. A dislexia é herdada e, portanto, uma criança disléxica tem algum pai, avô, tio ou primo que também é disléxico.

Diferentemente de outras pessoas que não sofrem de dislexia, disléxicos processam informações em uma área diferente de seu cérebro; não obstante, os cérebros de disléxicos são perfeitamente normais. A dislexia parece resultar de falhas nas conexões cerebrais. Felizmente, existem tratamentos que curam a dislexia. Estes tratamentos buscam estimular a capacidade do cérebro de relacionar letras aos sons que as representam e, posteriormente, ao significado das palavras que elas formam. Alguns pesquisadores acreditam que quanto mais cedo é tratada a dislexia, maior a chance de corrigir as falhas nas conexões cerebrais da criança. Em outras palavras, a dislexia, se tratada nos primeiros anos de vida da criança, pode ser curada por completo.

Para melhor entender as causas da dislexia, é necessário conhecer, de forma geral, como funciona o cérebro.

Diferentes partes do cérebro exercem funções específicas. A área esquerda do cérebro, por exemplo, está mais diretamente relacionada à linguagem; nela foram identificadas três

sub-áreas distintas: uma delas processa fonemas, a outra analisa palavras e a última reconhece palavras. Essas três subdivisões trabalham em conjunto, permitindo que o ser humano aprenda a ler e escrever. Uma criança aprende a ler ao reconhecer e processar fonemas, memorizando as letras e seus sons. Ela passa então a analisar as palavras, dividindo-as em sílabas e fonemas e relacionando as letras a seus respectivos sons. À medida que a criança adquire a habilidade de ler com mais facilidade, outra parte de seu cérebro passa a se desenvolver; sua função é a de construir uma memória permanente que imediatamente reconheça palavras que lhe são familiares. À medida que a criança progride no aprendizado da leitura, esta parte do cérebro passa a dominar o processo e, conseqüentemente, a leitura passa a exigir menos esforço.

O cérebro de disléxicos, devido às falhas nas conexões cerebrais, não funciona desta forma. No processo de leitura, os disléxicos recorrem somente à área cerebral que processa fonemas. A conseqüência disso é que disléxicos têm dificuldade em diferenciar fonemas de sílabas, pois sua região cerebral responsável pela análise de palavras permanece inativa. Suas ligações cerebrais não incluem a área responsável pela identificação de palavras e, portanto, a criança disléxica não consegue reconhecer palavras que já tenha lido ou estudado. A leitura se torna um grande esforço para ela, pois toda palavra que ela lê aparenta ser nova e desconhecida. O primeiro sinal de possível dislexia pode ser detectado quando a criança, apesar de estudar numa boa escola, tem grande dificuldade em assimilar o que é ensinado pelo professor. Crianças cujo desenvolvimento educacional é retardatário podem ser bastante inteligentes, mas sofrer de dislexia. O melhor procedimento a ser adotado é permitir que profissionais qualificados examinem a criança para averiguar se ela é disléxica. A dislexia não é o único distúrbio que inibe o aprendizado, mas é o mais comum.

Crianças disléxicas tendem a confundir letras com grande freqüência. Entretanto, esse indicativo não é totalmente confiável, pois muitas crianças, inclusive não-disléxicas, freqüentemente confundem as letras do alfabeto e as escrevem de lado ao contrário. No Jardim de Infância, crianças disléxicas demonstram dificuldade ao tentar rimar palavras e reconhecer letras e fonemas. Na primeira série, elas não conseguem ler palavras curtas e simples, têm dificuldade em identificar fonemas e reclamam que ler é muito difícil. Da

segunda à quinta série, crianças disléxicas têm dificuldade em soletrar, ler em voz alta e memorizar palavras; elas também frequentemente confundem palavras. Esses são apenas alguns dos muitos sinais que identificam que uma criança sofre de dislexia.

A dislexia é tão comum em meninos quanto em meninas.

## **2.2 TRATAMENTO PSICOPEDAGÓGICO DO JOVEM DISLÉXICO**

A psicopedagogia define dislexia do desenvolvimento ou evolutiva como um distúrbio do processo de aprendizagem, em que a deficiência se origina na dificuldade do indivíduo durante a aquisição da leitura e da expressão escrita.

O termo deve ser empregado especificamente para aqueles que apresentam uma ineficiência incomum e específica nas habilidades da leitura e escrita ao longo de seu processo de educação formal, apesar de possuírem potencialidade igual ou superior à média, acuidade auditiva e visual normais, ausência de problemas afetivo-emocionais primários, e de serem favorecidos com instrução adequada.

O quadro da dislexia, segundo definição da Word Federation of Neurology, guarda “frequente correlação biológica” e apresenta “deficiências cognitivas fundamentais de possível origem constitucional”. A base biológica refere-se a distúrbios funcionais localizados no hemisfério cerebral esquerdo (área que na maioria dos destros é responsável pelos processos de linguagem, de leitura e escrita), mais especificamente no plano temporal, que apresenta falta da assimetria habitual de tamanho e opera com nítida lentificação. Embora o corpo teórico nos remeta à afirmação de origem neurológica e dos distúrbios cognitivos, em nossa prática clínica os critérios para o diagnóstico e elaboração de um plano de trabalho são bem mais abrangentes, respeitando-se sem dúvida o aspecto orgânico, mas também os aspectos psicológicos e sociais de cada indivíduo. Quando utiliza-se o material de orientação psicanalítica, fartamente encontrado nas obras de Freud, Melaine Klein, Winnicot e Bion, tem-se subsídios para um olhar mais apurado e sensível deste ser, com suas dificuldades. É fundamental que possamos entender a dificuldade de

leitura e escrita como um fenômeno pluridimensional, que não se situa apenas no portador da dislexia, mas também na família, no professor, nos métodos educacionais, na escola e na sociedade, ou seja, nas múltiplas interações entre eles.

O quadro sintomático expressa ainda que algo não está bem com o sujeito e que precisa ser modificado. O olhar psicopedagógico não deve refletir uma visão reducionista que rotularia o disléxico como um déficit em si mesmo, pois desta forma estaria alimentando sua caracterização como o sujeito identificado de sua família ou mesmo de sua classe. A atuação do psicopedagogo busca embasamento constante nos diversos teóricos, visando maior capacitação e compreensão do jovem disléxico que o procura. Busca, sobretudo, técnicas e estratégias de trabalho e de conduta que fazem mais sentido para o indivíduo; ele objetiva em suas sessões conhecer, entender e esclarecer o mecanismo manifesto junto com seu cliente, seja através de jogos, de vivências e de discussões de temas pertinentes, buscando e permitindo o conhecimento.

Entende-se que pelo fato de serem vivenciadas novas relações interpessoais com o profissional e com o processo de aprendizagem, novos espaços serão criados, permitindo o surgimento de vínculos saudáveis, estruturados e prazerosos - diferentes dos vividos até então, já que em sua vida acadêmica (e pessoal, em muitos casos) desenvolveu uma rede de desconfortos e frustrações, minando inclusive sua auto-estima. Se o tratamento psicopedagógico desempenhar a solução dos sintomas básicos de forma que o disléxico vivencie realizações concretas, estará fortalecendo seu ego e possibilitando o desenvolvimento de seus recursos cognitivos. Tecnicamente a abordagem de trabalho associa o estímulo de suas inclinações naturais com o resgate das deficiências instrumentais, através de métodos multisensoriais, que partem da linguagem oral à estruturação do pensamento, da leitura espontânea à discussão temática, da elaboração crítica e gerativa das idéias à expressão escrita. Desta forma um sentido efetivo do aprender e do processo de aprendizagem começa a ser incorporado.

## **2.3 SINAIS DA DISLEXIA**

### **2.3.1 Entre 3 a 6 anos**

#### 2.3.1.1 Na pré-escola

1. Ele persiste em falar como um bebê?
2. Frequentemente pronuncia palavras de forma errada?
3. Não consegue reconhecer as letras que soletram seu nome?
4. Tem dificuldade em lembrar o nome de letras, números e dias da semana?
5. Leva muito tempo para aprender novas palavras?
6. Tem dificuldade em aprender rimas infantis?

### **2.3.2 Entre 6 ou 7 anos**

#### 2.3.2.2. Primeira-série

1. Tem dificuldade em dividir palavras em sílabas?
2. Não consegue ler palavras simples e monossilábicas, tais como “rei” ou “bom”?
3. Comete erros de leitura que demonstram uma dificuldade em relacionar letras a seus respectivos sons?
4. Tem dificuldade em reconhecer fonemas?
5. Reclama que ler é muito difícil?
6. Frequentemente comete erros quando escreve e soletra palavras?
7. Memoriza textos sem compreendê-los?

### **2.3.3. Entre 7 e 12 anos**

1. Comete erros ao pronunciar palavras longas ou complicadas?
2. Confunde palavras de sonoridade semelhante, como “tomate” e “tapete”, “loção” e “canção”?
3. Utiliza excessivamente palavras vagas como “coisa”?
4. Tem dificuldade para memorizar datas, nomes ou números de telefone?
5. Pula partes de palavras quando estas têm muitas sílabas?
6. Costuma substituir palavras difíceis por outras mais simples quando lê em voz alta; por exemplo, lê “carro” invés de “automóvel”?
7. Comete muitos erros de ortografia?
8. Escreve de forma confusa?
9. Não consegue terminar as provas de sala-de-aula?
10. Sente muito medo de ler em voz alta?

### **2.3.4. A partir dos 12 anos**

1. Comete erros na pronúncia de palavras longas ou complicadas?
2. Seu nível de leitura está abaixo de seus colegas de sala-de-aula?
3. Inverte a ordem das letras – “bolo” por “lobo”, “lago” por “logo”?
4. Tem dificuldades em soletrar palavras? Soletra a mesma palavra de formas diferentes numa mesma página?
5. Lê muito devagar?
6. Evita ler e escrever ?
7. Tem dificuldade em resolver problemas de matemática que requeiram leitura?
8. Tem muita dificuldade em aprender uma língua estrangeira?

## **2.4 COMPETÊNCIAS DO PROFESSOR DO ENSINO REGULAR DIANTE DE UM ALUNO PORTADOR DE DISLEXIA**

Um outro aspecto que nos parece por vezes perturbar a normal aprendizagem do aluno portador de dislexia: é a confusão de competências: porque se desconhece a quem compete resolver as carências de material ou limitações frequentes na aprendizagem daquele aluno, assiste-se por vezes a um triste "jogo de empurra" de culpas, sem lucidez para se compreender o essencial: aquele aluno precisa de desenvolver, adequadamente, as mesmas competências e capacidades dos seus colegas, potencialmente projetadas para aquele momento.

Pretendendo tão somente contribuir, de alguma forma, para que tais situações não voltem a acontecer, chamamos a atenção para alguns aspectos que julgamos fundamentais:

O professor regular deve dispensar ao aluno disléxico mais atenção que aos demais alunos da turma e dar-lhe apoio, para que ele consiga aprimorar o seu conhecimento. Não é necessário que defina regras particulares ou que lhes exija menos trabalho.

Deve fornecer, ao aluno, os textos dos trabalhos de casa, dos exames e de outros documentos que seja necessários para sua adaptação. O apoio dos pais é fundamental para que o ensino apresente progresso, pois depende deles todo o apoio ao trabalho iniciado na escola.

Quanto ao professor, no seguimento das responsabilidades que se encontram ligadas ao apoio direto que ele deverá dispensar à criança e à família, bem como ao respectivo professor regular, compete-lhe:

- Proporcionar os apoios necessários para que a criança cega possa ter sucesso escolar numa classe/turma regular;
- Dar apoio aos pais, respondendo às suas dúvidas sobre a dislexia, bem como contribuir para que o aluno disléxico recupere sua auto-estima e tenha a certeza de que é capaz de aprender como os outros;

- Fazer eventuais sugestões ou demonstrar modos de procedimento que possam conduzir a melhores resultados no ensino da criança;
- Inculcar nas crianças as aptidões suplementares de que possam necessitar. Adaptar os materiais didáticos, para que ela treine seu pensamento e passe a estruturar melhor a sua leitura;
- Ensinar a criança disléxica a escutar o resultado da leitura que está fazendo, observando os sons e repetindo-os para que ela os assimile.
- Assegurar ele próprio, ou fazer com que seja assegurada, a possibilidade de recuperação ou apoio complementar nas matérias que o aluno tenha mais dificuldade em assimilar na classe/turma regular. Esse apoio pedagógico virá juntar-se ao ensino dispensado na turma e só será necessário quando o aluno revelar dificuldade em compreender certas partes de conteúdos ou aulas;
- Servir de elo de ligação entre a casa e a escola, nomeadamente informando os pais acerca dos progressos da criança e indicando-lhes os exercícios que ela deverá fazer em casa sob a sua orientação.

## **2.5 O PORTADOR DE DISLEXIA NO ENSINO REGULAR**

Dentre as inúmeras estratégias propostas pelos profissionais da educação para diminuir as dificuldades com alunos com dislexia, destacam-se:

- Uso de linguagem clara e direta ao falar ou escrever para o disléxicos
- Sistematização do aprendizado (memorização e automatização, partir dos sons ou sílabas mais simples para os mais complexos);
- Certificar-se de que o indivíduo realmente entendeu o que leu;
- Propor redações em duplas; utilizar métodos alternativos para a construção do conhecimento tais como o teatro, a música, os esportes e a informática;
- Tornar a leitura um ato prazeroso, fazendo uso de textos que causem empatia; partir de textos pequenos para textos maiores gradativamente;

- Estimular a memória visual fazendo uso de imagens, fotos, vídeos, etc; sugerir a utilização de cores diferenciadas para cadernos, pastas, etiquetas, canetas, etc., de modo a melhorar a noção espacial e a organização dos materiais de uso do dislético;
- Trabalhar com conceitos concretos, evitando os abstratos; fazer associações de palavras, sílabas, contextos, etc;
- Ampliar o vocabulário com expressões (para a Língua Portuguesa), termos e nomes de sinais (para a Matemática);
- Pedir uma tarefa de cada vez;
- Estimular o aumento do universo cultural;
- Certificar-se sempre de que a resposta escrita por um aluno dislético confere com a oral (Ex.: em Matemática, a criança pode responder, em voz alta, que  $3 \times 4 = 12$ ; porém, como decorrência de suas dificuldades específicas, pode escrever 21); usar símbolos;
- Fazer associações;
- Criar músicas e jogos com premiações;
- Aplicar avaliações orais e propiciar maior tempo de realização para as provas escritas.

Quando se fala de “um olhar diferente”, fala-se de um novo jeito de enxergar o dislético, reconhecendo e valorizando o seu potencial e as suas competências habilidades, apesar de suas dificuldades. As reflexões ressaltam que uma pessoa dislética não devem ser comparada com os outros, mas com ela mesma. E que todos, pais, familiares, amigos, colegas, professores e terapeutas, podem (e devem) fazer a diferença, contribuindo positivamente na história de quem tem dislexia.

E mais: “um olhar diferente” é o que o dislético deve ser levado a ter em relação à sua própria vida, com a auto-estima resgatada e a segurança presente, apesar dos possíveis “erros” que possa cometer. Reconhecer-se dislético, sim. Incapaz, nunca!

## 2.6 A DISLEXIA E A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Nos últimos anos, vem-se desenvolvendo estudos sobre a contribuição da lingüística para o diagnóstico da dislexia e intervenção pedagógica.

A dislexia é uma síndrome pouco conhecida e pouco diagnosticada por pais e educadores, especialmente os pedagogos e médicos, que se voltam ao desenvolvimento cognitivo das crianças na educação básica (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio)

A dislexia é uma perturbação ou transtorno ao nível de leitura. A criança disléxica é um mau leitor: é capaz de ler, mas não é capaz de entender eficientemente o que lê. O que chama atenção, à primeira vista, é que uma criança disléxica é inteligente, habilidosa em tarefas manuais, mas persiste um quadro de dificuldade de leitura da educação infantil à educação superior.

A estimativa, por baixo, é a de que, no Brasil, pelo menos, 15 milhões crianças e jovens sofram com distúrbios de letras. Acredita-se que a dislexia é a maior causa do baixo rendimento escolar. A linguagem é fundamental para o sucesso escolar. Ela está presente em todas as disciplinas e todos os professores são potencialmente professores de linguagem, porque utilizam a língua materna como instrumento de transmissão de informações. Muitas vezes uma dificuldade no ensino da matemática está relacionada à compreensão do enunciado do que ao processo operatório da solução do problema. Os disléxicos, em geral, sofrem com a discalculia (dificuldade de calcular) porque encontram dificuldade de compreender os enunciados das questões.

É necessário que diagnóstico da dislexia seja precoce, isto é, os pais e educadores se preocupem em encontrar indícios de dislexia em crianças aparentemente normais, já nos primeiros anos de educação infantil, envolvendo as crianças de 4 a 5 anos de idade. Quando não se diagnostica a dislexia, ainda na educação infantil, os distúrbios de letras

podem levar crianças de 8 a 9, no ensino fundamental, a apresentar perturbações de ordem emocional, efetiva e lingüística. Uma criança disléxica encontra dificuldade de lê e as frustrações acumuladas podem conduzir a comportamentos anti-sociais, à agressividade e a uma situação de marginalização progressiva.

Os pais, professores e educadores devem estar atentar a dois importantes indicadores para o diagnóstico precoce da dislexia: a história pessoal do aluno e as suas manifestações lingüísticas nas aulas de leitura e escrita.

Quando os professores se depararem com crianças inteligentes, saudáveis, mas com dificuldade de ler e entender o que lê, devem investigar imediatamente se há existência de casos de dislexia na família. A história pessoal de um disléxico, geralmente, traz traços comuns como o atraso na aquisição da linguagem, atrasos na locomoção e problemas de dominância lateral.

Os dados históricos de dificuldades na família e na escola poderão ser de grande utilidade para profissionais como psicólogos, psicopedagogos e neuropsicólogos que atuam no processo de reeducação lingüística das crianças disléxicas.

No plano da linguagem, os disléxicos fazem confusão entre letras, sílabas ou palavras com diferenças sutis de grafia como "a-o", "e-d", "h-n" e "e-d", por exemplo. As crianças disléxicas apresentam uma caligrafia muito defeituosa, verificando-se irregularidade do desenho das letras, denotando, assim, perda de concentração e de fluidez de raciocínio.

As crianças disléxicas apresentam confusão com letras com grafia similar, mas com diferente orientação no espaço como "b-d". "d-p", "b-q", "d-b", "d-p", "d-q", "n-u" e "a-e".

A dificuldade pode ser ainda para letras que possuem um ponto de articulação comum e cujos sons são acusticamente próximos: "d-t" e "c-q", por exemplo. Na lista de dificuldades dos disléxicos, para o diagnóstico precoce dos distúrbios de letras, educadores, professores e pais devem ter atenção para as inversões de sílabas ou palavras como "sol-los", "som-mos" bem como a adição ou omissão de sons como "casa-casaco", repetição de sílabas, salto de linhas e soletração defeituosa de palavras.

Por fim, com os novos recursos da sociedade informática, pais e educadores devem redobrar os cuidados. O mau uso do computador, por exemplo, pode levar a criança a ter algum distúrbio de letras. Até agora, não há estudos científicos sobre o assunto, mas, pelo relato de pais e professores, na Internet, revelam que posições pouco ergonômicas perante a um computador, pode comprometer o sistema perceptivo da criança, levando à dificuldade de leitura e escrita. Acredita-se também que o transporte inadequado de mochilas pode também comprometer o sistema perceptivo da crianças, de modo a embaraçar sua visão na hora de ler ou escrever

## **2.7 A DISLEXIA E O MÉTODO DE ENSINO**

A intervenção na reeducação das crianças disléxicas passa necessariamente no ensino eficaz da língua materna. No caso do Brasil, no ensino eficiente da língua portuguesa.

É sempre útil começar um texto com perguntas. . Eis, assim, as três questões básicas para nossa reflexão sobre a temática do ensino do português no âmbito da educação básica:

- Por que a língua portuguesa deve ser ensinada na escola, se as pessoas, independentemente de escola, já falam o "Português" na rua, em casa, nos estádios de futebol?
- Se é papel da escola o ensino do português, que português deve ser ministrado nos bancos escolares?
- Que diz a LDB sobre o valor da língua materna no processo de formação escolar?

A Lei Federal 9.394/96 (a LDB), de 20 de dezembro de 1996, estabelece a seguinte composição dos níveis escolares:

- I – Educação Básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio .

II – Educação Superior. Não devemos, pois, falar em 1º grau, mas em ensino fundamental, ou 2º graus, mas ensino médio. É uma atualização terminológica que se faz necessária.

Como componente do Currículo da Educação Básica, a língua portuguesa é uma disciplina obrigatória. A Lei determina que o estudo da língua portuguesa ( e matemática também) deva abranger, obrigatoriamente, o currículo do ensino fundamental e médio (Art. 26). Este português é o erudito, histórico, oficial, e de raízes européias. Especificamente para o ensino fundamental, o domínio da leitura e da escrita são meios básicos para o desenvolvimento da capacidade de aprender nos oito anos de ensino obrigatório.

O currículo do ensino médio, por sua vez, aponta a língua portuguesa como:

- a) instrumento de comunicação;
- b) acesso ao conhecimento;
- c) exercício de cidadania.

Sendo então a grande missão da escola após onze anos de formação escolar:

- Deixar seus alunos prontos para a plena comunicação e expressão verbal, hábeis para acessar os novos meios de comunicação, particularmente, a linguagem informática, e desenvolver consciência crítica para enfrentar o mundo do trabalho e os desafios das novas formas de ocupação da sociedade pós-industrial.

Porém os limitados recursos materiais e humanos: a carência de bom material didático-pedagógico para alunos e professores; o espaço físico das salas de aula, a questão da merenda escolar nas escolas públicas, entre outras dificuldades. Do outro lado, a má formação de nossos professores e professoras, uns sem uma educação superior, outros sem ter passado por uma pós-graduação; a questão salarial, enfim, muitos problemas na escola não são da escola, mas da sociedade e, sendo assim, eis um desafio para a comunidade

escolar: o equilíbrio, a solidariedade de todos que fazem a comunidade escolar, isto é, professores, alunos, diretores, pais, governos e todos que direta e indiretamente estão ligados à escola. Mas, imaginemos uma situação mínima para começar ( e enquanto a mobilização nas instâncias reivindicatórias) e, seja como for, devemos dar o primeiro passo. A escola também, não deve esquecer que para alguns desafios pode contar como outros parceiros, como as universidades públicas, que , em muito ode ajudar, por exemplos, no processo de formação dos docentes e na abertura de entrosadamente entre escola, universidade e governo. A universidade é , quase sempre, uma excelente parceira na intermediação entre escola e governo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diagnóstico precoce é imprescindível para o desenvolvimento contínuo das crianças disléxicas. Reconhecer as características é o primeiro passo para que se possam evitar anos de dificuldades e sofrimentos, induzindo esta criança, fatalmente ao desinteresse pela escola e a tudo o que está em torno dela, gerando às vezes quadros "quase-fóbicos", desta criança em relação a tarefas que exijam a leitura e a escrita. Crianças com dificuldades escolares seja qual for a raiz do problema, necessitam de educação, atenção e ensino diferenciados para que possam desenvolver suas habilidades, e quanto mais cedo for detectado o problema, melhores serão os resultados. Uma das grandes frustrações dos pais é saber que seu filho tem problemas escolares. A maioria não sabe o que fazer e como ajudar. O certo seria procurar apoio nas escolas, com os professores, mas estes também, muitas vezes, não sabem o que fazer. Isso porque não foram instruídos para tal. As universidades não capacitam os educadores para lidar com os sérios problemas de aprendizagem. Este é um problema muito complexo, mas certamente todos apontam o dedo para o aluno. Uma criança com dificuldades escolares está marcada cruelmente, carregando a pesada cruz de não saber o que fazer com suas dificuldades. Elas têm uma bomba nas mãos. Estas crianças são atingidas em cheio na sua auto-estima quando, com nossas atitudes, mostramo-lhes como elas são preguiçosas, lentas, burras, desqualificadas... Quando as desprezamos...As abandonamos...

Como pais precisamos ultrapassar os limites da culpabilidade e enfrentarmos, junto com nossos filhos, suas dificuldades, e mostrarmos que nosso amor por eles não existe em função de suas notas escolares. Essa é uma associação muito perigosa.

Como educadores precisamos caminhar, por conta própria, em busca das informações necessárias para que este quadro se modifique. Não podemos esperar que as informações cheguem às nossas mãos através da Escola. Elas não chegarão. As Universidades não preparam seus alunos, futuros professores, para atender às necessidades das crianças disléxicas. E elas existem! Estão por aí em todas as salas de aulas! Até que desistam...

Necessita-se instaurar dentro das escolas, medidas preventivas essenciais para a reestruturação do aluno em sua forma mais abrangente, evitando assim, as situações traumatizantes que os problemas de aprendizagem escolar causam em algumas crianças, que neste atual momento não são, ao menos, respeitadas. Toda e qualquer dificuldade escolar tem uma causa e uma solução. Ninguém nasce com dificuldades escolares, elas aparecem ao longo do caminho e precisam ser observadas, respeitadas e solucionadas.

É tarefa de todo e quaisquer educadores, sejam eles os pais ou os professores, ter como base ética o compromisso de ver desenvolver-se dignamente e efetivamente a aprendizagem acadêmica de seu(s) educando(s), buscando novas formas de aprendizagem e novos programas e processos de ensino que possam colaborar para a inclusão destas crianças no mundo das letras, ajudando-as a sobreviver dentro deste único modelo de escola que se nos apresenta. Não podemos mais continuar contribuindo para que nossa sociedade padeça com as conseqüências que a desinformação dos problemas escolares promove; não podemos mais fechar os olhos e calar. Precisamos urgentemente lutar para que as informações e que as novas formas de aprender cheguem dentro das escolas, aos educadores e aos pais.

Precisamos restaurar a dignidade humana a nível nacional, mas só o faremos quando pudermos compreender as graves conseqüências sociais que o insucesso escolar provoca, gerando uma relação inadequada entre esta criança e o Mundo.

As exigências da escola regular, manifestadas junto do professor regular e do professor do ensino especial não são nem simples nem fáceis. Para levá-las a bom termo, são necessários empenhamento e trabalho assíduo. Em mútua colaboração e entendimento, o professor do ensino regular e o professor do ensino especial podem assegurar uma escolaridade estimulante, não apenas às crianças portadoras de dislexia, mas a toda a

classe/turma no seu conjunto. A presença do aluno dislexico na classe/turma pode e deve ser um bom pretexto para incrementar o desenvolvimento de um grande leque de valores ligados à cidadania, nos colegas da turma e da própria escola.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS**

XAVIER, M. F. & M. H. M. Mateus (1990) (orgs.) **Dicionário de termos lingüísticos**. Volume 1. Lisboa: Cosmos

CHAPMAN, Robin S. (org.). (1996). **Processos e distúrbios na aquisição da linguagem**. Tradução de Emilia de Oliveira Diehl e Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas. 284p

CHAPMAN, Robin S. et alii. (1996). **Fala infantil: suposições de um modelo processual desenvolvimental para a aprendizagem inicial da linguagem**. In CHAPMAN, Robin S. (org.). (1996). **Processos e distúrbios na aquisição da linguagem**. Tradução de Emilia de Oliveira Diehl e Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas. p.15 –29.

KAMBI, Alan G. (1996). **Três perspectivas sobre processamento lingüístico: interacionismo, modularidade e holismo**. In CHAPMAN, Robin S. (org.). (1996). **Processos e distúrbios na aquisição da linguagem**. Tradução de Emilia de Oliveira Diehl e Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas. p.52-69.

KENT, Raymond D. (1996). **Desenvolvimento fonológico como biologia e comportamento**. In CHAPMAN, Robin S. (org.). (1996). **Processos e distúrbios na aquisição da linguagem**. Tradução de Emilia de Oliveira Diehl e Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas. p.73-89.

MILOSKY, Linda M. (1996). **As crianças na escuta: o papel do conhecimento de mundo na compreensão da linguagem**. In CHAPMAN, Robin S. (org.). (1996).

Processos e distúrbios na aquisição da linguagem. Tradução de Emilia de Oliveira Diehl e Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas. p.30-51.

SOLÉ, Isabel. (1998). **Estratégias de leitura**. Tradução de Cláudia Schilling. 6ª ed. Porto Alegre: ArtMed. 194 p.

STRAND, Edythe A. (1996). **A integração entre o controle motor da fala e a formulação de linguagem nos modelos processuais de aquisição**. In CHAPMAN, Robin S. (org.). (1996). Processos e distúrbios na aquisição da linguagem. Tradução de Emilia de Oliveira Diehl e Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas. p.90-109.

**ANEXOS**

**ANEXO 1 - MODELO DE QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO COM  
PROFESSORES DE CLASSE REGULAR DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DO  
MUNICÍPIO DE GUARATUBA**

- 1) Qual as séries em que trabalha?
- 2) Qual é a sua formação?
- 3) Você tem alunos com dislexia em sua classe?
- 4) Quais as dificuldades que enfrenta para trabalhar com estes alunos?
- 5) O Município lhe dá amparos e material para que conclua seus trabalhos com os alunos “especiais”?
- 6) A Secretária de Educação lhe presta auxílio no atendimento aos alunos com dificuldades especiais? Oferta cursos, material específico e professor técnico em educação Especial?
- 7) Gostaria que fosse ofertado um trabalho para esclarecimentos quanto à maneira de se trabalhar com alunos disléxicos?
- 8) Qual a sua opinião quanto à questão de alunos especiais em salas regulares de ensino?
- 9) Como você vê a dislexia ? Como a trabalha? Quais os seus métodos?

**ANEXO 2 - MODELO DE QUESTIONÁRIO PARA ENCARREGADO  
DO NÚCLEO REGIONAL DE ENSINO DO LITORAL PARA  
EDUCAÇÃO ESPECIAL.**

- 1) Qual a sua formação?
- 2) O governo do Estado diante da Nova Proposta de Inclusão ampara em que sentido para que se realiza esta proposta?
- 3) Qual o amparo que a Secretária oferta às escolas do município diante da Inclusão?
- 4) E cursos, são ofertados cursos que habilitem o professor sem formação específica para trabalhar com alunos com deficiências?
- 5) O estado cede professores que trabalhem como apoio ao professor de classe regular?
- 6) As escolas somente ofertam as classes ditas Especiais, onde segregam os alunos com deficiências ou incluem este aluno?
- 7) Qual a formação de seus professores e coordenadores, em sua maioria?
- 8) Qual a sua opinião como educador diante da nova proposta de ensino: a Inclusão?
- 9) Como o município ampara seus professores diante da dislexia, uma dificuldade que vem assolando o país?

### CRONOGRAMA DE ATUAÇÃO

<b>HISTÓRICO</b>	<b>M</b>	<b>A</b>	<b>M</b>	<b>J</b>	<b>J</b>	<b>A</b>	<b>S</b>	<b>O</b>	<b>N</b>
Pesquisa Bibliográfica	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Pesquisa de Campo	X	X	X	X	X	X	X	X	
Estudo das informações obtidas	X	X	X	X	X	X	X		
Montagem do texto da monografia	X	X	X	X	X	X	X	X	
Revisão do trabalho da monografia							X	X	X
Digitação do trabalho de Monografia					X	X	X	X	X
Entrega do trabalho								X	X